

## O CENTENÁRIO DE UM MESTRE

Wilton Cardoso de Sousa

Discípulos fiéis de Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira - o Sousa da Silveira de alguns livros magistrais e dezenas de ensaios publicados em revistas e outros periódicos, o Mestre Sousa ou, mais simplesmente, o Sousa, como carinhosamente gostam de se referir ao antigo catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia - tomaram a peito celebrar-lhe o centenário de nascimento, há pouco transcorrido. Além da fundação de um centro de estudos de Língua Portuguesa e Crítica Textual, já em atividade no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, com a denominação de Sociedade Sousa da Silveira, planejaram reuniões de estudo de sua obra, as quais se vêm realizando com a participação de entidades como o Instituto Histórico, a Academia Brasileira de Filologia, Fundação Casa de Rui Barbosa, o Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro, e programaram para o segundo semestre do ano o Primeiro Congresso Brasileiro de Crítica Textual, que se reunirá em Niterói, RJ.

O aplauso à iniciativa poderia reduzir-se ao que a propósito escreveu Carlos Drummond de Andrade: "Está aí um nome que é preciso lembrar, quando a língua nacional vai sendo tão violentada a pretexto de atualização". Mas aos que não têm autoridade para dizer tão pouco talvez não fique mal falar um pouco mais.

Os cem anos do nascimento de uma vida

que durou oitenta e quatro fazem-na ainda viva e presente a grande número de discípulos que vieram a suceder o Mestre na tarefa de a repetir e renovar, transmitindo o seu legado. Não pertencço ao grupo dos afortunados. Outras terras e ares fizeram-me distante, e apenas posso dizer que o vi e conversei uma vez, já em final de carreira, nos corredores de sua amada Faculdade, então sediada no prédio da velha Casa de Itália da Avenida Presidente Antônio Carlos. Era ainda moço e havia recenseado, numa revista universitária, o seu último livro - *Fonética sintática* (1952). A maneira lhana e cortês com que se referiu ao meu trabalho, acolhendo com bondade uma observação de pormenor, deu-me sem dúvida uma lição de maturidade intelectual, e é que, a serviço da Ciência, todos se devem dar as mãos no sentido de construir o pecúlio comum. Já no ano seguinte, o Mestre se aposentava por implemento da idade, e, nas minhas constantes idas ao Rio, nunca tive a coragem de o perturbar no seu remanso do Cosme Velho.

A obra de Sousa da Silveira não é mais volumosa. Outras terão títulos em maior número e, como costuma ocorrer, nem sempre serão tão significativas. A razão é que o professor exerceu grande parte do seu magistério numa época em que o país ainda não contava com o ensino das letras em nível superior. Sua própria formação é, a tal respeito, clara. Concluído o curso de humanidades no Ginásio Nacional, rótulo repulbicano e efêmero do imperial Pedro II, onde integrou a turma dos chamados gênios, de que faziam parte, além dele, Antenor Nascentes,

Manuel Bandeira e Castro Nunes, para só citar outro de nossos maiores filólogos, um de nossos mais apreciados poetas e um de nossos mais competentes juristas, matriculou-se na Escola Politécnica, de que viria a sair Engenheiro Civil ao fim de um curso por sinal acidentado. Engenheiro esquisito esse, mais seduzido pelas estruturas sintáticas do que pela construção de estradas, pontes ou edifícios. Teve por isso de estudar sozinho, lendo os seus clássicos, como era a regra (só que os leu com inteligência, como não era a regra), e uma vez dedicado ao ensino da língua, de que nunca se afastaria, foi forçado a consumir anos a fio em aulas da Escola Normal, perante um auditório de moçoilas e sinhazinhas ávidas do casamento redentor.

As *Lições de português*, seu livro mais difundido, oferecem, nesse particular, um atestado eloquente. Ministradas no curso de 1921, tiveram uma versão primitiva, publicada capítulo a capítulo na *Revista de Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire. Ditadas em discurso direto a um auditório tratado solenemente na segunda pessoa do plural, inauguravam na sala modesta o estilo das lições magistrais dos catedráticos europeus que liam em vetustas universidades o resultado de suas pesquisas particulares. Com efeito, repletas de observações que denunciavam investigação pessoal e viriam a transformá-las no manual universitário em que hoje se converteram, pode-se dizer que nelas o autor visa mais ao desenvolvimento da ciência do que à reles acomodação didática de princípios e verdades

consagradas. Mas foi a partir de seu ingresso no ensino superior, primeiro na Universidade do Distrito Federal, experiência séria que ficamos a dever a Anísio Teixeira, e depois na Universidade do Brasil, de que só viria a se afastar por força de compulsão legal, que o Mestre, já cinquentenário, encontrou o espaço adequado a sua perfeita realização. Vieram então, como desenvolvimento do trabalho magisterial, os seus livros de mais arrojada contribuição científica.

A meu ver, a obra de Sousa da Silveira apresenta dois traços distintos e significativamente confluentes num plano mais amplo.

Um deles é a sua exata compreensão do problema da língua portuguesa no Brasil e do reconhecimento de sua modalidade nacional. Linguísta e filólogo, familiarizado, por um lado, com os trabalhos de Lindsay, Carnoy, Grandgent e Michel Breal (as *Lições*, sempre refundidas, pelo menos a partir da edição de 1940, chegam até Ferdinand de Saussure) e, por outro, com os de Leite de Vasconcelos, Nunes, Epifânio e Gonçalves Viana, não podia pactuar com os profissionais do *que se não deve dizer* que grassavam no país. Sintomaticamente, um de seus primeiros escritos publicados é a crítica a *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, hoje um clássico da dialetologia brasileira. Aí, depois de citar Henri Bauche, Albert Dauzat, o já lembrado Leite de Vasconcelos e o que de melhor havia na bibliografia especializada, proclama a individualidade portuguesa do nosso falar, que pouco antes merecera de Rui Barbosa o estigma de *surrão amplo*. Mas é

na conferência *A língua nacional e seu estudo*, do mesmo ano de 1920, que põe os pingos nos *ii* de uma perfeita perspectiva normativa da questão. "Há em nossas letras um vulto eminentíssimo (escreve o Mestre), no qual se poderá considerar bem personificada a nossa língua nacional, como a devemos definir: a língua portuguesa, com pronúncia nossa, algumas insignificantes divergências sintáticas em relação ao idioma atual de além-mar, e o vocabulário enriquecido por grosso tributo indígena e africano e pelas criações e adoções realizadas em nosso meio. Esse escritor é Machado de Assis." <sup>1</sup> Tal posição iria torná-lo, como convém a um homem de ciência, equidistante de paixões e jacobinismos, por onde cedo resvalaria a matéria, a ponto de compreender Mário de Andrade, de cuja prática linguística não obstante podou os exageros, e ser o relator do parecer da comissão instituída pelo governo para opinar a respeito da denominação oficial do idioma falado e escrito no Brasil. Daí, numa época em que a codificação gramatical retrocedia aos usos típicos de D. Duarte, Zurara e Fernão Lopes, serem as *Lições* o primeiro livro brasileiro a adotar sistematicamente, como exemplos da linguagem padrão dos escritores, formas e construções de Alencar, Castro Alves, Magalhães, Casimiro, Bilac, Vicente de Carvalho, Raimundo Correia, Varela, Taunay, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

Outro traço de sua obra refere-se à chamada crítica textual, de que foi um dos precursores no Brasil. Desde as *Lições*, toda uma parte intitulada "Sintaxe especial das diversas espécies de

palavras" (já na época o Mestre repelia a designação dominante de *categorias gramaticais* que em rigor é outra coisa) é mais um campo da Estilística do que da Sintaxe, como entedia a rígida concepção dos gramáticos. Mas foi com *Textos quinhentistas* (1945) que a poesia de Gil Vicente, Camões e Antônio Ferreira deixou de ser um cadastro de rigorosa construção intelectual para se deixar auscultar nos desvios de uma linguagem do sentimento - ou da afetividade. como diria Bally -, reveladora de que os clássicos, ao contrário do que se costumava ensinar, também infringiam o pressuposto das regras inapeláveis. Surgiram, pelo mesmo caminho, edições modelares de alguns autores e obras, as quais não eram apenas críticas pelo que toca ao estabelecimento dos textos, segundo o rigor com que passaria a operar entre nós a Ecdótica, mas eram ao mesmo tempo comentadas numa amplitude analítica que incluía fontes tópicas, particularidades de versificação, interpretação determinada por peculiaridades lingüísticas e, mais que tudo, o bom gosto literário de um professor que foi também poeta.

Creio não errar, afirmando que foi a convergência desses traços típicos de seu espírito - o da propensão natural para a crítica e perquirição estética dos textos e do sentimento da modalidade nacional da língua - o que o conduziu à elaboração de um dos seus trabalhos mais apreciados, a edição das *Obras de Casimiro de Abreu* (1940), aparecida à volta do centenário do poeta das *Príma veras* e reeditada em 1955.

Como se sabe, em face dos postulados da gramaticografia rigorosamente portuguesa e da deturpação a que foi submetido em sucessivas edições o texto do mais popular dos poetas brasileiros, Casimiro converteu-se, durante muito tempo, em execrável paradigma da tese de que os escritores românticos eram descuidados da forma e desleixados da língua. A análise desses dois aspectos de sua poesia constitui mesmo o tema e os motivos das minuciosas, ricas e sempre pertinentes anotações do competente escoliasta.

Pelo que diz respeito à técnica do verso, os comentários do Mestre não só revelam um poeta que se deixa marcar por padrões de forma instintivos e quase naturais - os do autor romântico, que ele era - como mostram que a depuração e refinamento, obedientes a matizes lingüísticos lusitanos artificialmente cultivados entre nós, são por vezes estranguladores da personalidade estética. Isso mesmo ressalta desta conclusão: "Na metrificação Casimiro acompanha as praxes do tempo. A sua individualidade artística, porém, faz que às vezes não se submeta servilmente aos preconceitos dominantes e quebre os moldes comuns, o que lhe provocou uma ou outra censura da parte dos críticos, se bem que dessas, digamos, irregularidades se pudesse escudar na autoridade de Gonçalves Dias. Nas minhas notas procurei interpretar o significado estético de tais anomalias métricas e avaliá-las com a possível justeza".<sup>2</sup>

Semelhantemente, no que se refere às supostas incorreções de linguagem, o julgamento do

poeta de "Meus oitos anos" foi sacrificado pela mesma deformação crítica. De fato, os seus propala dos erros ou são fruto de uma inescrupulosa fortuna editorial, ou são denúncia de que uma norma lingüística nacional, diferente da portuguesa, já condicionava um padrão de língua literária que o tempo e o desenvolvimento da ciência haveriam de consolidar e reconhecer. Também aqui cabem as palavras do Mestre: "Embora geralmente louvado, recebeu algumas censuras, relativas a fatos da linguagem. Se provo, como creio tê-lo feito nas anotações, serem tais censuras infundadas, fica reposto no seu lugar, não o poeta, que este nunca esteve realmente depreciado, mas o escritor, que a leviandade da crítica e a infidelidade das numerosas reedições concorreram para que fosse injustamente aquilata do".<sup>3</sup> Seja como for, uma coisa é absolutamente certa: foi com a edição de Sousa da Silveira, que resuscitou a verdadeira efígie textual do autor, que a poesia de Casimiro de Abreu passou a existir para a crítica e a historiografia literária do Brasil.

Esse, em linhas muito gerais, o perfil de um sábio brasileiro que os discípulos não querem deixar que se apague. E fazem bem. Modesto, como todo sábio, ele próprio escolheu o epitáfio que exorna a lápide de seu túmulo no Cemitério de São João Batista - *Foi professor, passou a vida a ensinar, amou os seus alunos.*



## NOTAS

1. Sousa da Silveira, A língua nacional e o seu estudo *Revista de Língua Portuguesa*. Rio (1921), n. 9, p. 28. (O texto é reproduzido com a redação que lhe foi dada em *Lições de português* (2a. ed.), Rio, 1934, p. 353.
2. Sousa da Silveira, *Obras de Casimiro de Abreu*. Organização, apuração do texto, esboço biográfico e notas por...Rio, 1940, p. XXIII.
3. Sousa da Silveira, *Obra cit.* , p. XXV